

SALMOS VIOLENTOS: POR QUE NÃO REZÁ-LOS?

**Professor de Sagrada
Escritura.*

*José Bortolini**

Resumo:

O a. levanta a questão do sentido de oração que teriam os salmos violentos hoje ausentes da Liturgia. Depois de sinalizar para a presença da temática do conflito presente no Saltério como um todo, busca o significado destes salmos no contexto histórico da elaboração dos salmos, a experiência concreta da vida. De um lado estes salmos, segundo o autor, denunciam um clima de violência e por outro busca, na tradição da Aliança, manter a memória da presença ativa de Deus mesmo em meios a ambientes injustos.

Palavras-chave: Salmos, Salmos violentos, Salmos: Liturgia,

Abstract:

Having in mind the meaning of the Psalms whose main subject is the violence and that nowadays are not anymore in the Liturgical Books, Bortolini starts from a kind of trait that underline of all the Psalms: the conflict. After all, he tries to find a path of meaningfulness of those psalms from the historic context of those who write down the Psalms, his day-by-day life experience. From one side, these psalms are a kind of prophetic denouncement and on other side, in the Tradition of the Covenant, they are a form of revival of the memory of the active presence of God even in the unjust realm.

Key-words: Psalms, Violent Psalms, Psalms: Liturgy

ABRINDO UM LIVRO

Levanta-te, Senhor, salva-me, Deus meu!

Tu esbofeteaste meus inimigos,
rompeste os dentes dos perversos (Sl 3,8).

²É verdade, poderosos,
que dais sentenças justas
e julgais retamente os homens?

³Não, pois cometeis conscientemente
crimes na terra
e vossas mãos sopesam violências.

⁴Os perversos se extraviam desde o seio materno,
pervertem-se desde que nascem
os que dizem falsidades.

⁵Eles têm veneno como veneno de serpente,
de víbora surda que fecha o ouvido,

⁶para não ouvir a voz do encantador,
experiente em encantamentos.

⁷Ó Deus, quebra-lhes os dentes na boca,
quebra, Senhor, as presas dos leões.

⁸Que se derretam como água que escorre,
que murchem como erva pisoteada;

⁹sejam como lesma que se desfaz ao andar,
como aborto que não chega a ver o sol.

¹⁰Que a tempestade os arrebate desprevenidos
como mato, como feras, como incêndio.

¹¹E se alegre o honrado vendo a vingança,
lave seus pés no sangue dos perversos;

¹²e os homens comentem: O honrado tem um fruto,
porque há um Deus que faz justiça na terra (Sl 58).¹

Pobre Salmo 58! A reforma litúrgica o censurou.² Assim fazendo, parece-me, deixou clara a ideologia que norteava essa decisão: Este salmo — e trechos de outros com temática semelhante — não passam, ou seja, não podem ser considerados oração, não podem ser rezados. Pelo menos no contexto litúrgico.

Contudo, os salmos, espelho da vida, são oração e por essa razão foram conservados, e é por esse motivo que compõem o Saltério.

– É verdade, dirão alguns – mas o cristão aprendeu a rezar de outra forma, e salmos como este não fazem parte do repertório cristão de orações...

– Sim, é verdade. Basta lembrar textos como Mt 5,43-48; 6,12; Lc 6,27-38; Mc 11,26; Rm 12,19-21 e outros.

Mas penso que não se deva simplesmente encerrar aqui a discussão, nem afirmar que é por coisas desse tipo que Judeus e Palestinos hoje se destroem mutuamente. Nós, cristãos, que

¹Neste artigo usamos a tradução de Luís Alonso SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*. São Paulo, Paulus, 2002. A tradução do v. 10 é problemática, e aqui foi reconstituída a partir de conjecturas e de textos paralelos.

²Cf. M. GIRARD, *Les Psaumes redécouverts*: De la structure au sens. Québec, Bellarmin, 1994, vol. II, p. 107; lamenta a censura, apesar de o salmo estar mais próximo a um Marquês de Sade do que de Jesus do Evangelho.

recebemos de Jesus um legado diferente, não nos diferenciamos na prática, tanto no passado quanto no presente... Há até cristãos a favor da pena de morte! Se os salmos violentos não pertencem ao nosso cotidiano repertório de orações, que tal rezar procurando sentir aquilo que experienciaram os criadores dessas orações violentas?

Considero simpática e ousada a atitude dos que não se conformam com a censura dos salmos violentos, ao contrário, provocam a busca de algo que não é tão claro. Luís Alonso Schökel, tentando fazer uma *transposição cristã* do Salmo 58, comenta: *Esse salmo coloca de modo agudo o problema do sentido cristão, ou anticristão, de alguns salmos. Antes de tudo, o tipo humano descrito é atual? Reina ainda a injustiça? Perante situações semelhantes, qual é a atitude cristã? Omitir-se com hinos harmoniosos, ou sentir a indignação e expressá-la na súplica? Pode um cristão pedir a Deus que faça justiça, mesmo à custa dos criminosos? Pode pedir o fracasso de um plano exterminador? Mas não deve confundir oração com ação. E, sobretudo, tem de reconhecer-se implicado na situação de injustiça. Dos evangelhos, ler Mt 3,1-5; do Apocalipse 18,20; 19,1s.*³

³ Cf. M. GIRARD, *Les Psaumes redécouverts*, op. cit., p. 1249.

Outro estudioso conclui assim seu ponto de vista: *Com maior razão pode-se exorcizar, com a recitação deste poema, as obscuras e misteriosas forças do mal que militam sem pudor para fazer recuar em nosso mundo o reino da justiça (cf. Ap 20,10.14-15); a releitura é, portanto, mais que legítima, pois mais de uma vez na Escritura, serpente (v. 5) e leão (v. 7) simbolizam justamente as forças adversárias.*⁴

⁴ Cf. M. GIRARD, *Les Psaumes redécouverts*, op. cit., pp. 107-8.

1. O CONFLITO ESTÁ PRESENTE EM QUASE TODOS OS SALMOS⁵

Hermann Gunkel foi pioneiro na pesquisa sobre os gêneros literários dos salmos,⁶ que podem ser distribuídos em cinco famílias e catorze tipos diferentes. A família dos *hinos* é composta de *Hinos de louvor* (20 salmos), *Salmos da realeza do Senhor* (6 salmos) e *Cânticos de Sião* (7 salmos). A família dos *salmos individuais* comporta os *Salmos de súplica individual* (39 ao todo), os *Salmos de ação de graças individual* (11) e os *Salmos de confiança individual* (9). Na família dos *salmos coletivos* temos os de *súplica coletiva* (18), os de *ação de graças coletiva* (6) e os de *confiança coletiva* (3). A família dos *salmos reais* compreende 11 salmos. A família dos *salmos didáticos* compõe-se dos salmos do tipo *liturgia* (3), das *denúncias proféticas* (7), dos *históricos* (3) e dos salmos *sapienciais* (11).⁷

Se somarmos os salmos de súplica individual (39) e os de súplica coletiva, teremos a seguinte constatação: mais de 1/3 do

⁵ Esta é a premissa do meu trabalho, isto é, J. BORTOLINI, *Conehecer e rezar os Salmos: Comentário popular para nossos dias*. São Paulo, Paulus, 2001.

⁶ Cf. I. STORNILO, Apêndice: Os gêneros literários dos Salmos. Em SCHÖKEL, L. A., *Salmos e Cânticos: A oração do povo de Deus*. São Paulo, Paulus, 1994, pp. 515 ss.

⁷ Nem todos os salmos são *puros* do ponto de vista dos gêneros literários. Vários deles misturam tipos ou gêneros. É por isso que a soma supera os 150.

Saltério (57 salmos) tem como temática central um *conflito que gera o clamor*. O conflito ou tensão pode vir de dentro da própria pessoa, ser provocado por uma catástrofe nacional, por um perigo internacional, mas na maioria das vezes se trata de tensão ou conflito entre o justo e o injusto (quase sempre chamado de *ímpio* nas versões). Em muitos desses casos, o justo parece estar sozinho (Sl 140) lutando contra um arranjo social fundado na mentira, corrupção e impunidade (por exemplo, o Sl 12). Exemplo paradigmático disso é o Sl 1, portal de todo o Saltério. Ele mostra que os injustos estão muito mais organizados, pois têm um conselho (1,1), tornam-se fortes e imbatíveis (12,5), exercendo fascínio e atração sobre os justos (veja como isso está bem claro no Sl 73,1-15). No Sl 1,1 a tentação de ser como os injustos está presente nos verbos que estabelecem uma progressão no processo de envolvimento e fascínio dos injustos: *ir ao conselho...*, *parar no caminho...*, *sentar-se na roda...*⁸ Tudo isso é importante para a compreensão dos salmos violentos.

Os salmos de ação de graças individual (11) e coletiva (6), apesar de mostrarem a superação do conflito, ainda ressentem a dramaticidade da situação anterior (por exemplo, o Sl 30). A memória do conflito está bem presente, e foi por causa de sua superação que nasceram os salmos de agradecimento. Assim sendo, podemos tranqüilamente associá-los aos de súplica pelo fato de terem em seu corpo a presença de uma tensão ou conflito. Desse modo, somando os salmos de súplica e os de agradecimento alcançamos 74: quase 50% do Saltério traz um conflito explícito.

O mesmo argumento se aplica aos salmos de confiança individual (9) e coletiva (3). Nem sempre nos damos conta de que *salmos que afagam a alma* — muito apreciados por certos grupos religiosos que os consideram os únicos mercedores do título de *oração* — também revelam ou escondem um conflito em suas dobras. É típico nesse sentido o Sl 23 — chamado do *bom pastor* — talvez o salmo mais musicado em nossa tradição religiosa, com melodias suaves... Poucos, contudo, se dão conta de que justamente aí se fala de *vale tenebroso* (v. 4) e de opressores (v. 5). Aliás, o contexto desse salmo é o de um fugitivo marcado para morrer e que se refugia no Templo de Jerusalém (v. 6),⁹ que servia como asilo para perseguidos e ameaçados de morte.¹⁰

Portanto, também os salmos de confiança revelam a presença de uma tensão na vida de quem os criou. Às vezes o drama é pessoal, como no caso do Sl 131, mas nem por isso deixa de ser tenso e conflituoso.¹¹

Os salmos sapienciais (11) não fogem à regra. O Sl 1 é emblemático. Lendo-o com atenção, nota-se um drama; o drama

⁸Infelizmente, nem todas as traduções se prestam à compreensão desse processo progressivo do fascínio que a injustiça exerce sobre os justos.

⁹Muitos comentadores vão nessa direção. O hebraico, no v. 6, é ambíguo: *shbty*, como infinitivo de *yshb*, habitar, é preferível a *shwb*, voltar, segundo a pontuação massorética, fruto de releitura.

¹⁰Vários são os salmos com essa temática, por exemplo, 17; 27; 57 etc.

¹¹Para começar a conhecer esse aspecto, queira conferir o meu comentário, citado acima.

do justo que se bate contra o fascínio da injustiça. Desde o começo, é apresentado no singular, ao passo que os injustos já aparecem como grupo organizado e capaz de ofuscar, com o brilho da impunidade, o olhar e a visão do justo. Somente no fim é que os justos são apresentados no plural (v. 5), como grupo cujo caminho Javé conhece (v. 6). Outro detalhe que aumenta a dramaticidade desse salmo é a quase ausência ou inoperância de Deus. Se você se perguntar: Onde está Deus nesse salmo?, notará que Javé é citado indiretamente no v. 2 e diretamente no v. 6, como alguém que conhece o caminho dos justos e, supõe-se, desconhece o caminho dos injustos, caminho que perece. O salmo todo é o drama do justo que sofre as *cantadas* da injustiça, mas se mantém firme no seu caminho. Existe drama existencial maior que este?

E assim poderiam ser analisados todos os demais tipos de salmos, e estaríamos caminhando para uma constatação: o conflito — aberto ou velado, pessoal ou social, nacional ou internacional — está presente em *quase todos os salmos*. Muitos, ao rezá-los, ignoram o conflito, outros o escamoteiam, outros o espiritualizam (em sentido pejorativo, fazendo de um inimigo externo um inimigo interno, do tipo *meu orgulho, minha vaidade* etc.). Não se trata de forçar a barra, como se todos, obrigatoriamente, devessem apresentar um conflito, mas de pura constatação na maioria dos casos: o conflito está aí. O que você faz ao rezar cada um desses salmos?¹²

¹² À parte, quero acrescentar brevemente duas coisas, que mereceriam uma abordagem mais ampla. A primeira refere-se à situação que provocou determinação do salmo. Não consigo imaginar o surgimento dos salmos a partir dos letrados, que criavam situações fictícias para escrevê-los, como se os salmos fossem pura retórica. Isso seria engolir a ideologia do Cronista. Penso que os salmos nasceram de situações concretas de pessoas ou grupos, de forma oral, e assim se conservaram por longo tempo, até serem postos por escrito e embelezados pelos literatos. A segunda coisa refere-se à tentativa de associar alguns salmos de Davi a situações de conflito por ele vividas (por exemplo, as indicações iniciais dos Sl 3; 7; 18; 34; 51 etc.). Ninguém mais defende hoje o princípio de que esses salmos tenham nascido de Davi. Mas não se pode negar ou ocultar a presença de um conflito.

2. OS SALMOS E OS IMPERIALISMOS

Há um dado histórico interessante que pode servir como chave de leitura para os salmos de modo particular e, extensivamente, para toda a Bíblia (também o Novo Testamento). A Bíblia, enquanto texto escrito, nasceu praticamente toda sob a dominação dos grandes impérios que, sucessivamente, dominaram a Palestina por mais de nove séculos: império assírio (824-612 a.C.); império babilônico (612-538 a.C.); império persa (538-331 a.C.); império grego (331-64 a.C.); império romano (63 a.C.–135 d.C.). Ao longo de quase um milênio, com raras exceções, o povo de Deus foi oprimido pelos imperialismos. Poucas vezes nos damos conta desse fenômeno e das influências que essas dominações exerceram sobre a consciência do povo de Deus, expressa nos textos bíblicos. A poucos anos da divisão do grande império de Davi e Salomão (931 a.C.), os dois reinos encontraram-se brigando entre si e, pior ainda, tendo de enfrentar **grandes** potências internacionais, que se sucedem por turnos.

No Reino do Sul, por volta de 926 a.C., cinco anos após a morte de Salomão, seu primeiro rei, Roboão (931-914 a.C.), vê

Sesac, rei do Egito, invadir Jerusalém e despojar o Templo e o palácio do rei (1Rs 14,25-26).

No Reino do Norte, já com Amri (885-874 a.C.) o Reino de Damasco (Aram) invade a Galiléia, invasão habilmente contornada pelas alianças que Amri faz com os reis de Tiro e de Judá. Com a morte de Amri, os arameus tentam subjugar o Reino do Norte, tentativa frustrada por Acab, filho de Amri. Jeú (841-813 a.C.), que promoveu um banho de sangue contra a dinastia de Amri, acaba pagando tributo à Assíria, grande potência internacional do século IX a.C. (2Rs 10,32-33). Em 722 a.C., a capital Samaria é destruída e o Reino do Norte desaparece definitivamente.

Podemos perguntar-nos como e até que ponto as dominações imperialistas influenciaram o modo de rezar do povo de Deus, que sempre considerou a liberdade e a autodeterminação como frutos da Aliança entre Javé e Israel. A perda da liberdade e da autodeterminação compromete, de alguma forma, a Aliança e seus parceiros. Não teria o povo razão de rezar como está nos Salmos 74 e 94, e mais especificamente, como está no Sl 129? Você teria a coragem de censurar esse povo secularmente dominado que reza assim: *Capital de Babilônia, destruidora! Feliz quem puder pagar-te o mal que nos fizeste! Feliz quem agarrar e esmagar teus filhos contra o rochedo!?* (Sl 137,8-9).

3. OS SALMOS E A DENÚNCIA PROFÉTICA

Não é fácil determinar com exatidão o surgimento do movimento profético. Penso podermos situar seu nascimento na pessoa de Samuel, personagem que faz a transição entre o sistema igualitário das tribos (aproximadamente 1250 a 1120 a.C.) e o sistema tributário da monarquia, que vai do fim do sistema das tribos ao início do cativeiro na Babilônia. Atuando no primeiro, Samuel é *juiz*; agindo no segundo, torna-se *profeta*, assumindo a denúncia como sua principal característica. Texto emblemático para o aprofundamento desse aspecto é 1Sm 8, onde o profeta desmascara *o direito* do rei.

Detalhe interessante: a profecia, entendida como denúncia dos desmandos da autoridade central (rei e burocracia estatal), nasce com o surgimento da monarquia e praticamente desaparece com o desaparecimento dos reis, no cativeiro da Babilônia. Tem-se a impressão de que, desaparecendo a monarquia, a profecia não sabia mais contra quem apontar sua denúncia, e define aos poucos, gerando lentamente a apocalíptica, que se volta contra os imperialismos.

Nesse longo período de regime tributário dos reis é que surgiram muitos salmos, nem todos concordes entre si. A

corrente pró-monárquica produziu os salmos reais (11 ao todo), fortemente ideologizados e voltados para os interesses da corte. Em aberta oposição, a corrente minoritária antimonárquica produziu os salmos da realeza de Javé (6), certamente ligada aos grupos proféticos periféricos, que nunca aceitaram a centralização do poder nas mãos de uma elite. Esses grupos proféticos sem dúvida produziram também outro tipo de orações, os salmos conhecidos como *denúncias proféticas* (14; 50; 52; 53; 75; 81; 95). São assim chamados por se aproximarem bastante — quase se identificando — com as denúncias das injustiças sociais em profetas anteriores ao cativo na Babilônia (Amós, Oséias, Miquéias, Isaías, Sofonias, Jeremias...). Fazer pouco caso desses salmos é a mesma coisa que menosprezar todos esses profetas e sua causa.

Evidentemente, os salmos classificados como denúncias proféticas não mencionam explicitamente o rei, mas uma elite detentora do poder político, econômico e judiciário, como fazem vários profetas.

O censurado Sl 58 é indomável, pois não se deixa classificar facilmente. Se o comparamos com o Sl 52, notaremos que em alguns aspectos se aproxima das denúncias proféticas contra os poderosos que detêm o poder de dar sentenças (58,2); se olharmos o pedido que dirige a Javé e os desejos que expressa (vv. 7-10), poderemos identificá-lo como salmo de súplica individual ou mesmo coletiva, como pedido e desejo de um grupo de justos que não têm mais a quem recorrer.

4. A QUEM RECORRER?

Sem o tema da Aliança, nenhum salmo sobrevive. A Aliança é como o prego no qual penduramos nossas esperanças, é a tábua de salvação de qualquer pessoa que criou um salmo. Experimentemos, por exemplo, eliminar Deus do Sl 1. O que aconteceria? Mesmo naqueles salmos em que Deus está presente apenas na saudade de quem reza (como no Sl 42), a constatação se impõe: sem o parceiro da Aliança os salmos se tornam pura oratória, simples literatura. E não podia ser de outra maneira: em toda a Bíblia, Aliança é uma palavra central e um fato fundante de uma nova realidade. E é, conseqüentemente, o eixo de todo o Saltério. Não é o caso, aqui, de aprofundar esse tema e suas implicações. Basta recordar que mediante a Aliança Deus e o povo se comprometem mutuamente: *Eu vos adotarei como meu povo, e serei vosso Deus* (Ex 6,7a; cf. Lv 26,12; Dt 14,2). Entre os compromissos que o povo assume encontramos a obediência ao anjo que anda à frente, de modo que os inimigos de Israel serão inimigos de Deus, e os adversários do

povo serão igualmente adversários de Deus (cf. Ex 23,20-22). Aqui reside o motivo pelo qual pessoas, como a que criou o Sl 58, podem rezar e estimular a rezar segundo aquelas palavras; e reside também aqui a razão segundo a qual não temos — a meu ver — direito de censurar essas orações.

A situação de bom número de salmos é tão dramática que se Deus não intervier mudando as sortes, a sociedade entra em colapso por conta da corrupção e da injustiça institucionalizadas. É o caso, entre tantos, do Sl 12. Um grupo clama por socorro diante da avalanche da mentira que se tornou norma de todas as relações sociais, gerando indigentes de um lado e poderosos do outro. Os que se fortificam na mentira ganham sempre mais poder, construindo um império invencível. Chegam a perguntar: *Quem será o nosso dono?* (v. 5). Note-se o detalhe: *dono*, em hebraico, se diz *adon*, de onde se forma *adonai*, um dos títulos divinos do Antigo Testamento. A impunidade cresce, a corrupção avança e os poderosos pretendem ocupar o lugar de Deus: *Quem será o nosso adon?*¹³

¹³ Para mais detalhes, ver meu comentário citado acima.

Se Deus não intervém, ele próprio cai em descrédito. Experimentado no Êxodo como o Deus que escuta e atende os clamores, de certa forma é obrigado a intervir em favor dos justos e contra as injustiças, a favor da verdade e contra a mentira, a fim de que ele não seja desacreditado como um ídolo e a Aliança não se desfaça.

Vários salmos têm a ousadia de colocar Deus numa *sinuca de bico* justamente por causa da Aliança (por exemplo, o Sl 30, no v. 10). Se no passado foi assim — pensam — por que não o será no presente? Aliás, individualmente ou em grupo, as pessoas que criaram os salmos de súplica tinham bem clara a epopéia do Êxodo, esperando firmemente que viesse a se repetir na nova situação caótica gerada pela injustiça. Assim é o indomável Sl 58, luta desigual entre justiça e injustiça.

5. PARA NÃO PERDER A MEMÓRIA

Nós nos diferenciamos do povo da Bíblia em muitas coisas, e infelizmente não somos como ele na questão da memória. Sabe-se que povo com memória — também hoje — é povo que faz história. Isso com certeza se aplica bem ao povo de Deus que, graças à cultura da memória, deixou-nos a Bíblia como história de um povo que não perdeu suas raízes.

É sabido de todos que boa parte do Antigo Testamento (e também do Novo), antes de ser texto escrito, foi vivida e celebrada como memória viva. O próprio conceito de memória (*zikkaron*, em hebraico) vai além da simples recordação distante para se tornar memorial, um *revival*, fazendo com que o

passado seja revivificado no presente. É passando oralmente de geração em geração essas coisas que Israel vai tecendo a própria história e sedimentando convicções.

Uma dessas convicções — legado deixado para a inteira humanidade — é que sem liberdade e autodeterminação não existe povo, nem nação e, ousaria dizer, nem o próprio Deus. Aos poucos Israel foi entendendo que somente um povo livre constrói história e se encontra com o Deus verdadeiro, superando uma visão idolátrica da divindade.

É nessa direção que caminham os salmos nitidamente históricos (78; 105; 106), forjadores de uma consciência histórica alimentada pela fé e oração. Esse tema, apoiado nesses três longos salmos, mereceria ampla abordagem. Aqui é suficiente constatar o fenômeno, ou seja, perceber que a oração violenta tem um caráter pedagógico importante enquanto *forma de não perder a consciência* diante da injustiça, tanto no nível nacional quanto internacional.

³Aquilo que ouvimos e aprendemos
e nossos pais nos contaram,

⁴não o encobriremos a seus filhos,
nós o contaremos à geração seguinte:
as glórias do Senhor e seu poder
e as maravilhas que realizou.

⁵Pois ele fez uma aliança com Jacó
e deu uma instrução a Israel,
ele ordenou a nossos pais
que o fizessem saber a seus filhos,

⁶de modo que o conhecesse
a geração seguinte,
os filhos que haviam de nascer;
que eles aparecessem
e o contassem a seus filhos,

⁷para que pusessem em Deus sua esperança,
não se esquecessem das façanhas de Deus
e cumprissem seus mandamentos.

⁸Para que não imitassem seus antepassados,
geração rebelde e contumaz,
geração de coração inconstante,
cujo espírito não confiava em Deus (Sl 78).

Contar a história, manter a memória, é uma das formas de rezar do povo de Deus. Reza tirando fatos do baú de sua memória para tecer o fio da história e proporcionar um futuro melhor para as novas gerações. Reza as coisas boas conquistadas com o parceiro da Aliança, Deus (Sl 105); reza as derrotas e os fracassos decorrentes do afastamento do parceiro e da Aliança (Sl 106), ou as duas coisas misturadas (Sl 78).

Há coisas em nossa cultura que não sintonizam com as orações do povo de Deus condensadas nos salmos. Uma dessas coisas é a alienação. É muito difícil — creio impossível — demonstrar que os salmos são orações alienantes. Nós, talvez, os tenhamos transformado em alienação. Mas não são frutos de oração alienante. Bem ao contrário daquilo que pode acontecer em nossos dias. Há pessoas que fazem verdadeira aspepsia em torno da oração, isolando-a de tudo. Quase imitando o alcoólatra que diz *bebo para esquecer*, essas pessoas impedem a vida e a história de serem elementos fecundantes de oração. Bem outra é a postura de quem criou os salmos violentos. É como se não cansasse de nos afirmar: *rezo para não esquecer*, para não me alienar e para não alienar o próprio Deus.

6. DEIXANDO ABERTA A QUESTÃO

Há trabalhos incompletos mais fascinantes que as obras acabadas. Que o digam os que admiram Michelangelo. De minha parte, fico satisfeito se consegui, neste breve espaço, suscitar reflexão. Alguns leitores esperariam que eu tentasse ler os salmos violentos à luz das palavras e ações de Jesus, mas prefiro não fazê-lo. Recordo que há, de fato, um mandato de Jesus — o amor aos inimigos e a oração pelos nossos perseguidores para sermos perfeitos como o Pai (Mt 5,43-48) — e que esse mandato é a maior característica do cristianismo, distinguindo-o das demais religiões. Contudo, ao lado disso, deve-se recordar que as guerras de religião estão entre as piores de toda a história da humanidade... Mesmo assim, conseguimos nos desculpar, nos justificar, achando-nos superiores em relação a quem criou salmos violentos...

Os salmos violentos merecem atenção e precisam ser lidos a partir de diferentes ângulos: histórico, cultural, antropológico, psicológico, religioso etc. Tarefa árdua. Todavia, quem se deu conta de como é amplo o empreendimento não se apresará em censurá-los, como se fossem letra morta.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Paulus, 2002.
Bíblia do Peregrino (tradução e notas de L. A. Schökel). São Paulo, Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada — Edição Pastoral. São Paulo, Paulus, 1999.
AGOSTINHO, Sto., *Comentário aos Salmos*. São Paulo, Paulus, 1997, 3 vols.
BEAUCAMP, E., *Le Psautier*. Paris, Gabalda, 1976, 2 vols.

- BORTOLINI, J., *Conhecer e rezar os Salmos: Comentário popular para nossos dias*. São Paulo, Paulus, 2001.
- GIRARD, M., *Les Psaumes redécouverts, de la structure au sens*. Montreal, Bellarmin, 1994. 3 vols.
- JACQUET, L., *Les Psaumes et le coeur de l'homme, étude textuelle, littéraire et doctrinale*. Paris, Duculot, 1979, 3 vols.
- RAVASI, G., *Il libro dei Salmi, commento e attualizzazione*. Bologna, EDB, 1984, 3 vols.
- SCHÖKEL, L. A. – STORNILOLO, I., *Salmos e Cânticos, a oração do povo de Deus*. São Paulo, Paulus, 1994.
- SCHÖKEL, L. A., *Treinta salmos: poesía y oración*. Madri, Cristiandad, 1981.
- SCHÖKEL, L. A. – CARNITI, C., *Salmos*. São Paulo, Paulus, 1998, 2 vols.
- WEISER, A., *Os Salmos*. São Paulo, Paulus, 1994.